

O caráter persuasivo da multimodalidade: uma análise conceitual e persuasiva das metáforas multimodais na construção de charges sobre a reforma da previdência

The persuasive trait of multimodality: a conceptual and argumentative analysis of the multimodal metaphors in the construction of charges on the reform of the pension

Natália Elvira Sperandio¹

Universidade Federal de São João Del-Rei

Resumo: Um campo expressivo de trabalhos e pesquisas tem sido produzido, no transcorrer dos últimos anos, em torno do processo metafórico. Porém, grande parte desses estudos tem como foco *corpus* exclusivamente compostos pela linguagem verbal, não considerando outros modos semióticos. Por outro lado, pouca atenção é dada ao caráter persuasivo/argumentativo do processo metafórico, questão que se torna ainda mais significativa quando transposta para o campo não-verbal. Posto isso, o presente artigo, por meio de uma abordagem bibliográfica, tem como finalidade promover a análise da forma pela qual os modos verbais e não-verbais podem atuar argumentativamente na construção do processo metafórico. Para isso, selecionamos como *corpus* o gênero charge, com conteúdo direcionado à construção conceitual do termo reforma da previdência. Como resultado, observamos que as metáforas multimodais foram utilizadas na direção argumentativa proposta pelos seus produtores, sendo essas charges vistas como protesto contra a Reforma da Previdência proposta pelo governo.

Palavras-chave: Metáfora; Multimodalidade; Reforma da Previdência.

Abstract: An expressive field of work and research has been produced, over the last years, around the metaphorical process. However, most of these studies focus on corpus exclusively composed of verbal language, not considering other semiotic modes. On the other hand, little attention is paid to the persuasive / argumentative character of the metaphorical process, an issue that becomes even more significant when transposed to the nonverbal field. Therefore, this article, through a bibliographic methodological approach, aims to promote the analysis of the way in which verbal and nonverbal modes can act in a argumentative way in the construction of the metaphorical process. For this, we selected as corpus the genre charge. In this case, in particular, cartoons directed to the conceptual construction of the term social security reform. As a result, we observe that in the cartoons analyzed, multimodal metaphors were used in the argumentative direction proposed by their producers, and these cartoons were seen as a protest against the government's Social Security Reform.

Key-words: Metaphor. Multimodality. Reform of Social Security.

Submetido em 30 de setembro de 2019.

Aprovado em 13 de novembro de 2019.

¹ Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente da Universidade Federal de São João Del-Rei. Email: thaiasperandio@yahoo.com.br

Introdução

O estudo do processo metafórico é antigo, desde Aristóteles havia o interesse em estudar esse tropo. O filósofo é o responsável pela noção mais antiga de metáfora no ocidente. Para ele, a metáfora é concebida como “transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia” (ARISTÓTELES, 1991, p. 273).

Lakoff e Johnson (1980), no contexto da Linguística Cognitiva, especificamente da semântica cognitiva, promoveram um estudo aprofundado e empírico do processo metafórico, considerando nosso sistema conceitual como predominantemente constituído por metáforas. No entanto, apesar de considerarem esse tropo onipresente em nossos pensamentos e ações, os autores detiveram-se às metáforas conceituais produzidas exclusivamente pelo modo verbal, não considerando outros modos, como o imagético e a cor. Para Forceville (2009), a teoria da metáfora, desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), peca ao prender-se ao verbal, pois, de acordo com o pesquisador, isso nos conduz a uma visão parcial daquilo que a constitui.

Por outro lado, as pesquisas voltadas ao estudo da metáfora preocupam-se, em sua maioria, em abordar o caráter cognitivo deste processo, desconsiderando seus aspectos ideológicos e persuasivos. Diante disso, este trabalho tem como objetivo promover a articulação de duas propostas de estudo: a metáfora multimodal, de Forceville (2009), e a Análise Crítica da Metáfora, de Charteris-Black (2004). Essa articulação é feita com o intuito de demonstrar que, além das metáforas poderem ser construídas por outros modos, como o imagético e a cor, essas são utilizadas persuasivamente com o intuito de encobrir avaliações, sendo partes constituintes da ideologia do texto. Assim, ao fazer certas escolhas no lugar de outras, ou seja, ao recorrer a determinados domínios-fontes e não outros, na construção das metáforas não-verbais, o produtor nos leva a interpretar aquela situação de uma forma, conduzindo nossa leitura a uma determinada direção.

Este artigo será dividido em duas seções: a primeira teórica com a apresentação da Teoria da Metáfora Conceitual em conjunto com as propostas da Metáfora Multimodal e da Análise Crítica da Metáfora; a segunda, aplicada, com a análise dessas teorias em três capas retiradas da revista *Veja*.

1. A teoria da metáfora: da perspectiva cognitiva à persuasiva.

O estudo metafórico não é novo. Aristóteles, o primeiro no ocidente a nomear esse processo, a considerava um tipo de linguagem elevado e nobre. Muitos afirmam que o filósofo subestimou o valor da metáfora, conceituando-a como figura de linguagem, ornamento retórico. Para Mahon (1999), é comum esse tipo de afirmação, no entanto, Aristóteles foi pioneiro ao considerar a onipresença da metáfora na conversa e na escrita, quanto ao seu valor cognitivo e pedagógico.

Reddy (1979) também contribuiu de forma significativa para o estudo da metáfora. Em seu trabalho, o pesquisador demonstrou que a linguagem funciona como um canal, fazendo a transposição do pensamento de uma pessoa à outra, assim as palavras executam a transferência de pensamentos e as pessoas, ao lerem ou ouvirem, extraem novamente esses pensamentos. De acordo com Grady (1998), a metáfora do canal, proposta por Reddy (1979), produz uma associação cognitiva entre a comunicação e os processos de envio e recepção, tendo um papel central no desenvolvimento da Teoria da Metáfora Conceitual, sendo essa metáfora um exemplo proeminente que ilustra características da metáfora conceitual.

No entanto, apesar de diversas pesquisas terem como foco o estudo da metáfora, é apenas no ano de 1980 que ela ganhou destaque, com a obra *Metaphor we live by* escrita pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson. Mesmo não sendo pioneiros nesse trabalho, os autores, como afirma Schröder (2008), foram capazes de tratar de forma não fragmentada o trabalho sobre a metáfora, sendo a demonstração da predominância metafórica em nossa vida sua grande contribuição. Abaixo apresentamos, de forma sucinta, os postulados desta obra.

2. A Teoria da Metáfora Conceitual

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), a metáfora deve ser entendida como a forma de compreendermos e experienciarmos uma coisa no lugar de outra. Para os autores, há o mapeamento sistemático entre dois conceitos: domínio-fonte, considerado fonte de inferência, e domínio-alvo, local em que essas inferências são aplicadas. Por exemplo, em TEMPO É DINHEIRO, tempo é conceitualizado parcialmente a partir do termo dinheiro, pois o mapeamento entre esses domínios ocorre de forma parcial e não

total. Por isso, nos é comum expressões do tipo “poupe meu tempo”, “não vou gastar meu tempo com você”, já que recorremos a palavras do campo do dinheiro na conceitualização do termo tempo.

Lakoff e Johnson (1980) advogam que o mapeamento metafórico é múltiplo, pois dois ou mais elementos serão mapeados a outro domínio. Com isso, não são todos os elementos do domínio-fonte que serão mapeados ao domínio-alvo, já que apenas uma parte do domínio-fonte será ativada, e uma parte do domínio-alvo estará envolvida no mapeamento desse domínio-fonte.

Uma importante distinção é feita nessa obra entre metáfora conceitual e metáfora linguística. Os autores propõem que aquela se refere a noções abstratas, como O AMOR É UMA VIAGEM, e esta a expressões linguísticas relacionadas a essa abstração, como “nosso namoro não vai chegar a lugar algum”.

O grande ganho dessa obra é a consideração da onipresença da metáfora em nossa vida, não apenas em nossa linguagem, mas em nossos pensamentos e ações. São elas que nos guiam, fazendo com que nossa compreensão do mundo dependa delas, evidenciando seu papel em nossa cultura, mundo e até em nós mesmos.

Como versão atual a Teoria da Metáfora Conceitual possui a Teoria Neural da Metáfora. Essa foi defendida por Lakoff e Johnson em 1999 e desde então passou a integrar os trabalhos de Lakoff.

Lakoff e Johnson (1999) postulam que a tradição filosófica ocidental postulava a dicotomia estabelecida entre nossa capacidade de raciocinar e nossa percepção e movimento corporal. Com isso, a percepção é vista como corporificada enquanto que a concepção, nesta proposta, é considerada um processo mental, totalmente distinto de nossas capacidades motoras e sensoriais.

Indo na contramão dessa visão, os autores ressaltam a impossibilidade da faculdade autônoma da razão, pois essa estaria ligada a nossas capacidades corporais como a percepção e o movimento. Assim, a compreensão da nossa realidade está ligada à natureza dos nossos corpos e sua interação no meio em que vivemos. Diante disso, nossas experiências corpóreas adquirem grande importância na criação de significados.

Seguindo esse raciocínio os autores propõem uma “filosofia corporificada”. Nela, a razão abstrata não é concebida como separada do sistema sensório-motor, mas construída a partir de nossas ações no mundo. Com a mente corporificada, o sentido do real passa a depender do corpo humano, do nosso aparato sensório-motor que capacita

nosso movimento, percepção e manipulação das estruturas detalhadas de nosso cérebro, que é moldado pela evolução e experiência.

Essa filosofia é reiterada com os estudos interdisciplinares da Teoria Neural da Linguagem. Tendo com representante na linguística Lakoff e na computação Feldman, essa teoria assume que nosso circuito neural é moldado por nossas experiências, colocando a ligação entre corpo e mente como central. É nesse ambiente que o processamento metafórico é abordado de forma diferente, pois, nas propostas anteriores, o domínio-fonte da metáfora no cérebro era acessado antes do domínio-alvo. Agora, esses domínios são acessados juntos, sendo o domínio-fonte ativado pelo conceito literal da palavra e o domínio-alvo, pelo contexto.

O que podemos observar, nos estudos sobre metáfora apresentados, é que, apesar de um número significativo de trabalhos dedicados ao processo metafórico, há um grande interesse em abordá-lo apenas no plano verbal, deixando outros modos semióticos, como imagem e cor, à margem. Como afirma Cienke (2008), a palavra é uma das formas em que a metáfora pode ser produzida, sendo possível encontrarmos expressões metafóricas também em outros meios de comunicação, além do verbal.

3 A metáfora multimodal

Desenvolvida por Forceville (2009), a proposta da metáfora multimodal consiste em abordar a ocorrência da metáfora em modos como a imagem, o som, a cor, dentre outros meios de comunicação. O autor ressalta que houve uma falha na teoria da metáfora conceitual ao não considerar as metáforas não-verbais, pois essas são necessárias para o seu refinamento e teste. Diante disso, com base na teoria da metáfora conceitual, Forceville (2009) postula a existência de três tipos de metáforas: monomodais, multimodal e não-verbal.

O primeiro tipo, monomodal, é caracterizado por metáforas que utilizam um único modo na construção de seus domínios fonte e alvo. Esse tipo de metáfora é abordado nos estudos de Lakoff e Johnson (1980/1999) e Cameron (2007), pois esses trabalharam com metáforas que tinham como domínios o modo exclusivamente verbal.

No segundo tipo, multimodal, temos as metáforas que possuem seus domínios construídos exclusiva ou predominantemente por diferentes modos, ou seja, são aquelas que possuem, por exemplo, o domínio-fonte construído pelo verbal e o domínio-alvo pelo

imagético. O autor advoga que a qualificação exclusiva ou predominante é necessária, porque as denominadas metáforas não-verbais são aquelas que possuem seus domínios fonte e alvo construídos por diferentes modos simultaneamente.

Nas teorias de metáfora expostas até o momento, temos o foco em seu caráter cognitivo. No entanto, passamos agora a apresentar a Análise Crítica da Metáfora, pois essa teoria busca investigar a dimensão ideológica da figuratividade. Antes de adentrarmos nessa abordagem, faremos uma breve apresentação do campo que serviu de base para o seu desenvolvimento: a Análise Crítica do Discurso (ACD).

4 Análise Crítica do Discurso

Muitos ângulos teóricos e analíticos buscam o estudo do discurso. No entanto, é a partir dos estudos desenvolvidos na análise do discurso de Pêcheux, e na proposta crítica de Fairclough, que temos as principais linhas teóricas que analisam o discurso a partir de sua perspectiva ideológica e política.

Fowler (1991) advoga que a linguística crítica “propõe que a análise, que utiliza ferramentas linguísticas apropriadas, e que se refere a um contexto social e histórico relevante pode trazer à tona a ideologia que normalmente encontra-se escondida na habitualidade do discurso” (FOWLER *apud* CHATERIS-BLACK, 2004, p. 28).

Para Charteris-Black (2004), nas ciências sociais e humanas, o termo crítico, é utilizado para perspectivas teóricas e metodológicas que têm o objetivo de promover a mudança na ordem social e política.

Assim, a preocupação da ACD é com a análise ideológica, com o conteúdo textual implícito, com base na pressuposição da não neutralidade dos textos. Isso ocorre porque os processos sociais que conduzem as escolhas linguísticas conscientes ou estão escondidos, ou opacos em sua realização linguística. Com base nessas considerações, Charteris-Black (2004) promove um estudo crítico da metáfora. Passamos agora a esse estudo.

5 A Análise Crítica da Metáfora

Tendo como base a proposta da Análise Crítica do Discurso (ACD), de Fairclough, Charteris-Black (2004) busca investigar o caráter político-ideológico na

figuratividade. Para o autor, a Análise Crítica da Metáfora (ACM) não se preocupa apenas com o aspecto cognitivo, mas com sua dimensão persuasiva e ideológica. De acordo com ele, as metáforas deveriam ser concebidas como ferramentas para ACD, pois são usadas persuasivamente para encobrir avaliações e são partes integrantes da ideologia dos textos.

Nesta perspectiva, a conceitualização da metáfora envolve o cognitivo, linguístico e pragmático, não sendo tarefa fácil distinguir o cognitivo do pragmático, já que o desenvolvimento do esquema conceitual envolve escolhas linguísticas. Portanto, a metáfora não deve ser vista como apenas uma questão semântica, mas também relacionada à escolha do falante/escritor.

Para Charteris-Black (2004), a metáfora então envolveria: persuasão, emoção e avaliação. Sendo vista como uma figura eficaz, realizando o objetivo de persuadir o ouvinte, conduzindo-o à emoção. Para o autor, é por causa desse potencial que a metáfora é amplamente utilizada na linguagem persuasiva, com a ressalva de que seu efeito pode variar de acordo com a percepção linguística e pragmática do usuário. Por outro lado, seu papel avaliativo transfere ao ouvinte as avaliações, os pontos de vistas, sentimentos sobre as proposições ou entidades ditas pelo falante.

De acordo com Hunston e Thompson (2000) o papel da metáfora na avaliação “cobre um amplo termo para designar as atitudes, pontos de vista ou sentimentos sobre entidades ou proposições ditas pelo escritor ou falante” (HUNSTON e THOMPSON, *apud* CHARTERIS-BLACK, 2004, p.11).

O que é possível verificar na sucinta apresentação da ACM é que a metáfora possui um papel persuasivo nos textos, conduzindo nossa interpretação a uma determinada direção ao invés de outra. Isso ocorre porque, como o mapeamento metafórico é parcial, sendo ativado e mapeamento apenas alguns elementos, o produtor da metáfora nos transmite avaliações subjacentes que são transmitidas pelas escolhas por ele feitas. Assim, acreditamos que, ao fazer certas escolhas no lugar de outras, na construção das metáforas não-verbais, utilizadas nas capas analisadas, a revista *Veja* conduz nossa interpretação, ou seja, a nossa construção da realidade.

6 Aplicação, análise do *Corpus* e discussão

O corpus dessa pesquisa será composto por algumas charges que representam um momento polêmico de nosso contexto político atual, a reforma da previdência. Passamos agora, com base nas teorias apresentadas, à análise de quatro charges colocadas em foco.

A partir disso, demonstraremos a forma pela qual a Reforma da Previdência é conceitualizada pelos diferentes meios semióticos, atentando para a questão argumentativa/persuasiva dessa construção.

Para essa análise, estabeleceremos as seguintes etapas: primeiro, faremos, com base na TMC, a identificação dos domínios fonte e alvo de cada metáfora e, logo após, o levantamento dos elementos ativados e transferidos de um domínio a outro. Em momento posterior, analisaremos, de acordo com a TMC, a forma pela qual esses elementos atuaram na construção conceitual do nosso *corpus*.

Além disso, em nossa análise, levaremos em conta o contexto em que essa Reforma vem sendo proposta. Como sabemos, trata-se de uma reforma estrutural que propõe a implementação de medidas legislativas que visam modificar de forma substancial a legislação previdenciária do país. Podemos destacar que um dos pontos cruciais dessa reforma seria a transição do atual regime de repartição para um regime de capitalização. No regime de repartição, os trabalhadores que contribuem para a previdência estão, na verdade, pagando a aposentadoria de quem já está aposentado. No regime de capitalização, cada trabalhador será responsável por contribuir para sua própria previdência, de certo modo, como uma poupança. Essa "poupança" seria gerida por entidades públicas e privadas da escolha do trabalhador.

Charge 1. Fonte: <https://domtotal.com/charge/2504/2019/02/reforma-da-previdencia/>



Nessa primeira charge, podemos observar, através dos meios visual e verbal, a ativação da metáfora REFORMA DA PREVIDÊNCIA É UM JOGO. Podemos perceber essa metáfora quando vemos um senhor de idade brincando com um jogo de tabuleiro, questão que se confirma ao lermos a expressão verbal apresentada, explicitando as regras do jogo (quando o jogador perde uma das rodadas e precisa voltar algumas casas). Logo,

ao optar pelo domínio-alvo “jogo”, podemos inferir que a Reforma da Previdência Social, proposta pelo governo, é um jogo para a população, mas não é qualquer jogo e sim um jogo sujo, pois ao jogá-lo o contribuinte nunca terá chance de vencer, de ganhar, pois terá que recuar várias casas desse tabuleiro antes de ultrapassar a linha final.

Charge 2. Fonte: <http://bemblogado.com.br/site/1-milhao-nas-ruas-contra-a-reforma-da-previdencia/reforma-da-previdencia-charge/>



Na segunda charge, acima apresentada, podemos observar, através do domínio linguístico/discursivo e imagético, o acionamento da seguinte metáfora multimodal: REFORMA DA PREVIDÊNCIA É A MORTE. Com essa metáfora, há a personificação do domínio-fonte, REFORMA DA PREVIDÊNCIA, representada pela imagem do Ceifeiro que, em nossa cultura é visto como uma entidade, uma figura esquelética, carregando uma gadanha (ferramenta similar a uma foice), vestida com uma túnica negra e com capuz; como também pelo linguístico, pela expressão dos velhinhos “atende lá meu velho deve ser a nossa aposentadoria”, o que nos permite compreender a morte, personificada no papel do ceifeiro implacável que veio buscá-los para conduzi-los à morte, ao descanso eterno.

Charge 3. Fonte: <http://direitoesindicalismo.com.br/reforma-trabalhista-previdenciaria/concursodecharge2017>



Na charge 3, supracitada, nos deparamos, mais uma vez, com os signos imagéticos e verbal atuando na criação da metáfora multimodal REFORMA DA PREVIDÊNCIA É PRESENTE DE GREGO. Como é sabido, o cavalo de Troia remete à guerra de Troia, utilizado como estratégia dos gregos na derrota dos troianos. Esse cavalo feito de madeira e oco por dentro foi presenteado ao troiano, como gesto de rendição. Porém, na verdade, esse cavalo acabou servindo de esconderijo pelos gregos que, ao verem seu inimigos em uma situação sem defesa, saíram do seu interior e atacaram seus inimigos, destruindo a cidade. É através dessa história que surgiu a expressão “presente de grego”.

Assim, ao fazerem uso dessa imagem, com uma placa pendurada em seu pescoço com os dizeres “reforma trabalhista e previdência social”, podemos inferir que a Reforma Trabalhista é vista como “presente de grego”. O interessante é que esse presente não foi deixado na porta de qualquer pessoa, mas sim na porta do sindicato dos trabalhadores, já que esses serão os mais afetados por ele.

Charge 4. Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/tag/charge-reforma-da-previdencia/>



Em nossa última charge, deparamo-nos, mais uma vez, com a atuação da personificação na construção conceitual da metáfora multimodal, sendo essa ativada, como as demais apresentadas, pela junção dos modos imagético e linguístico. Nesse caso, estamos diante da metáfora multimodal REFORMA DA PREVIDÊNCIA É CARRASCO. Nessa charge, podemos observar que o domínio-fonte, REFORMA DA PREVIDÊNCIA, foi ativado pela imagem, de uma pessoa com capuz preto que nos remete ao carrasco, e pelo verbal “Reforma da Previdência”. Nesse exemplo, o trabalhador está na forca, em frente à Reforma personificada, o que nos leva a concluir que esse será por ele enforcado.

Considerações Finais

É mister salientar que, ao recorrerem aos elementos apresentados (signos imagéticos e linguísticos), os chargistas buscam colocar no papel o que há em seu pensamento, ou seja, apresentar ao seu leitor a sua ideologia, o seu pensamento, sobre o tema a ser apresentado, como também, a ideologia da revista na qual essas charges foram publicadas. É neste momento que se torna fundamental atentarmos ao aspecto ideológico/persuasivo da presente figuratividade. No caso da metáfora, devemos nos ater ao fato de terem optado por uma metáfora e não outra na conceitualização da Reforma da

Previdência, como também ao fato de terem selecionado determinados elementos no mapeamento dos elementos do domínio-fonte ao domínio-alvo.

Nas metáforas analisadas, é possível verificarmos que nas quatro análises o termo “Reforma” foi enquadrado de forma negativa, isto é, em todas as charges apresentadas a Reforma foi vista como algo nocivo para a população, como algo prejudicial à vida dos brasileiros. No caso da personificação, que se fez presente nas charges 2 e 4, temos a utilização do Ceifeiro e do Carrasco, que podem ser vistos como símbolo da morte. Assim, temos apenas o mapeamento de ações negativas desse domínio-fonte. Por outro lado, na charge 1, ao conceitualizar a Reforma como um jogo temos apenas a opção da derrota ativada pelo produtor da charge, ao demonstrar que, com esse Reforma, haverá atraso para os contribuintes da previdência, já que esses terão que recuar algumas casas antes de alcançarem a linha de chegada que, no caso, seria a aposentadoria. E, por fim, temos a charge 3, que conceitualiza Reforma da Previdência não como um presente qualquer, e sim de grego que será dado aos trabalhadores.

Com isso, verificamos que, ao fazerem certas escolhas no lugar de outras, ao trazerem para a construção de suas charges os elementos apresentados, os chargistas em questão conduzem nossas leituras para uma determinada direção. Nesse caso, nos fazem enxergar a Reforma da Previdência como algo que não irá beneficiar os trabalhadores de nosso país. Logo, essas charges podem ser vistas como forma de protesto a uma situação que se tornou incômoda por grande parte da nossa população.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. [Tradução de Eudoro de Souza]. São Paulo: Nova Cultura, 1991. p. 245-285.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. London Palgrave MacMillan, 2004.

CIENKI, A.; MÜLLER, C. Metaphor, Gesture, and Thought. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford University Press, 2008, p. 483-501.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. (Eds). *Applications of cognitive linguistics: Multimodal Metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p.19-42.

GRADY, J. The “Conduit Metaphor” Revisited: a Reassessment of Metaphors for Communication. In: KOENING, J. P. (Ed.). *Conceptual Structure, Discourse and Language*. Stanford, CA: Center for the study of language and information, 1998. p. 205-218.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MAHON, D. Getting your sources right: What Aristotle *didn't* say. In: *Research and Applying Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 69-80

REDDY, M. J. The conduit metaphor - A case of frame conflict in our language about language. In. A. Ortony (Ed.), *Metaphor and Thought*. 1.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 284-297.

SCHRÖDER, U. *Antecipações da Metáfora Cotidiana nas concepções de Hans Blumenberg e Harald Weinrich*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 16, p. 39-54, 2008.